

A ideologia em muitos casos falou mais alto

A tão urgente reforma da educação deverá, de início, superar as questões de infraestrutura, valorização e formação do magistério para, só então, abordar de forma prioritária os elementos fundamentais do ensino: currículo, avaliação e reorientação da aprendizagem. Dos três, o primeiro é o mais importante, vez que não se limita a ser um tema exclusivamente educacional, para ganhar a dimensão de protagonizar o processo de construção da identidade nacional. Explico melhor: há um provérbio que diz que o japonês vai para a escola para aprender a ser japonês. É a escola que vai construir coletivamente o perfil dos jovens de cada país, valorizar culturas, desenvolver determinadas capacidades e priorizar um modelo específico de cidadania. Daí a questão da definição dos temas e conteúdos que serão ensinados na escola serem vitais para o futuro da sociedade brasileira, na mesma dimensão quantitativa que poderíamos verificar se oferecêssemos a todos os estudantes do país mais duas horas de matemática e de ciências a cada semana de aula. O impacto seria de grande dimensão com a formação de um contingente maior de profissionais nas áreas da produção científica, da tecnologia e da inovação.

A iniciativa do MEC de buscar construir uma Base Nacional Curricular é muito bem-vinda, assim como a estratégia de elaboração participativa. Quando o trabalho for concluído, a divulgação de um currículo tende a trazer impactos positivos para a educação, eis que os docentes passam a ter um norte didático com metas e prazos, e os alunos não sofrem tanto quando se transferem de uma escola para outra, ou mesmo quando há substituição de professores no decorrer do ano.

Analisando a situação atual do material disponível na internet, verificamos alguns avanços ao mesmo tempo que preocupantes modificações.

No caso da Língua Portuguesa, o trabalho acompanha a tendência da Prova Brasil, no sentido de valorizar a comunicação, as múltiplas linguagens e a capacidade de interpretação de texto, o que é muito bom. No entanto, verificamos uma radicalização neste sentido. Há uma redução a quase zero dos temas relacionados à ortografia e a gramática. Sabemos que estes assuntos são difíceis e desanimam a criança a partir do sexto ano, mas não há como fugir destes obstáculos que devem ser ensinados dentro de uma abordagem muito mais pragmática e contextualizada do que afeta a memorizações. Todos os anos a imprensa noticia, para o estarecimento geral, redações do ENEM com grafias e erros de concordância impactantes, o que nos leva a pensar como esses jovens vão se ver na mais tarde como universitários.

A matemática organizou seus objetivos específicos com maior fundamento na solução de problemas e no desenvolvimento do raciocínio abstrato, fugindo do modelo tão praticado em nosso país que se caracteriza pela repetição procedimentalista. Ou seja, o estudante é estimulado a decorar um “procedimento” e o exercitar à exaustão, chegando a automatizá-lo, sem compreender o porquê daquelas operações. Diante da menor modificação na apresentação da questão ele se perde.... Nas ciências da natureza se esta, corretamente, valorizando o método investigativo. No caso da história, no entanto, percebemos uma clara elaboração ideológica que passa a valorizar sobremaneira a cultura africana e das américas em absoluto detrimento da europeia. O problema é que se antes havia excesso por um lado, agora está se praticando excesso pelo outro. Não é possível excluir o estudo da Antiguidade Clássica, do Renascimento, do Iluminismo e da Revolução Francesa, apenas para citar alguns exemplos gritantes.

Verifique você mesmo leitor este objetivo específico:

CHHI2MOA032

Analisar processos revolucionários na América Latina do século XX, tais como a Revolução Mexicana (1910-1920), a Revolução Boliviana (1952), a Revolução Cubana (1959) e a Revolução Sandinista (1979).

Fica muito difícil concordar com a afirmação do representante do MEC, publicada em O Globo de 6 de janeiro deste ano: “ Não há qualquer chance de haver um viés ideológico. ” Temos plena concordância de que o ensino da história não tenha de ser excessivamente eurocêntrico em detrimento de outros eixos culturais importantíssimos como Américas e África. O que não faz sentido é dar espaço à Revolução da Nicarágua em detrimento da Revolução Industrial.